

A ESCOLA EM RELAÇÃO AO USO DE TECNOLOGIA EM SALA DE AULA: UM RETRATO PONTUAL NO INTERIOR DO RIO GRANDE DO SUL

KATHLEEN SIMÕES FERREIRA¹; RAFAEL VETROMILLE-CASTRO³

¹Universidade Federal de Pelotas – *kath-8@live.com*

³Universidade Federal de Pelotas – *vetromillecastro@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO:

A difusão tecnológica, ocorrida no final do século XX, trouxe inúmeras mudanças para a sociedade, pois além das tecnologias facilitarem a comunicação, a expansão de informações e trazerem entretenimento, elas tornaram-se um ótimo meio de aprendizado. Cientes disso, Stephen Bax (2000, 2003) e Marc Prensky (2001) desenvolveram conceitos importantíssimos em relação ao uso de recursos tecnológicos no aprendizado de línguas.

Stephen Bax (2000) trouxe o conceito de “normalização”, o que se refere a quando o uso de computador, por exemplo, torna-se algo tão comum na aprendizagem de línguas, que a tecnologia parece ser invisível, tão comum quanto o uso de uma caneta. “Normalização é, portanto, o estágio em que uma tecnologia é invisível, dificilmente vista como tecnologia, considerada como algo comum no cotidiano¹” (BAX, 2003, p.23).

Já Marc Prensky (2001) chamou de “nativos digitais” as pessoas que já nascem rodeadas por recursos tecnológicos e que já estão acostumadas a fazer uso deles.

Os alunos de hoje – do maternal à faculdade – representam as primeiras gerações que cresceram com esta nova tecnologia. Eles passaram a vida inteira cercados e usando computadores, vídeo games, tocadores de música digitais, câmeras de vídeo, telefones celulares, e todos os outros brinquedos e ferramentas da era digital (PRENSKY, 2001, p.1).

E nomeou “imigrantes digitais” aquelas que, apesar de não terem nascido na era tecnológica, procuram se familiarizar com esses novos recursos.

A partir dessas ideias e de uma pesquisa realizada em duas instituições escolares (uma pública e outra privada) do interior do Rio Grande do Sul, esse trabalho tem como objetivo analisar, em âmbito multidisciplinar, como a escola está lidando com esses alunos ditos nativos digitais, buscando visualizar se, atualmente, tecnologias como computadores, data show, vídeos, redes sociais, celulares, etc. estão sendo usadas à favor da educação, e se os professores, sendo a maioria imigrantes digitais, encontram-se capacitados para fazer desses recursos tecnológicos instrumentos de aprendizado. Objetivando

¹ tradução nossa.

compreender, assim, quais as diferenças entre ambas as escolas, e em que estágio elas se encontram em relação à “normalização”.

2. METODOLOGIA

A pesquisa sobre o uso de tecnologias em sala de aula foi realizada na cidade de Rosário do Sul, Rio Grande do Sul, através de uma coleta de dados em duas escolas da cidade, a Escola Estadual de Ensino Médio Plácido de Castro (instituição pública) e o Colégio Totem Rosário do Sul (instituição privada). Tal investigação foi feita através de um questionário direcionado aos professores, o qual apresentava dez perguntas que foram elaboradas com o objetivo de compreender dois aspectos: a estrutura tecnológica da escola e a capacitação dos professores para fazer uso dos recursos. A análise dos dados obtidos foi feita com base nos conceitos de normalização de Stephen Bax (2000) e de nativos e imigrantes digitais de Mark Prensky (2001).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Após a análise dos dados obtidos foi possível constatar que, em relação à disponibilidade de recursos tecnológicos em ambas as escolas, todos os entrevistados afirmaram que as instituições possuíam algum tipo de tecnologia. Dentre essas tecnologias, 92,5% dos sujeitos respondeu que as principais são o computador e o data show.

No entanto, há uma diferença em relação aos dados das duas escolas que deve ser pontuada: na Esc. De Ens. Médio Plácido de Castro, 85,7% dos professores afirmou que a escola dispõe de computadores; enquanto no Colégio Totem, 100% respondeu que a escola dispõe desse mesmo recurso. Contraste esse, que, apesar de pequeno, pode ser explicado da seguinte forma, a primeira escola mencionada dispõe de um laboratório de informática bastante precário, o qual, além de ser pouco usado pelos alunos, encontra-se com a maioria dos computadores estragados e com difícil acesso à *internet*. A segunda instituição em questão, no entanto, conta com ampla sala de informática, com *internet* de fácil acesso, e disponível tanto para alunos quanto para professores.

Referente à capacitação e disposição por parte dos professores para fazer uso de tecnologia em sala de aula, foi possível constatar que dos vinte e sete professores entrevistados, todos afirmaram saber fazer uso de algum tipo de recurso tecnológico (computador, data show, aparelhos de vídeo, etc.), demonstrando que, ao contrário de alguns anos atrás, nossos educadores estão realmente fazendo seu papel de “imigrantes digitais”, buscando se familiarizar com a tecnologia.

Ademais, sobre a esse mesmo aspecto, havia três questões de extrema importância presentes no questionário, elas eram: “Você utiliza algum tipo de tecnologia em suas aulas?”; “A escola na qual você trabalha incentiva os professores a fazer uso de tecnologia em sala de aula?”; “Você acredita que o uso desse tipo de equipamento estimula o aprendizado dos alunos?”. A conclusão chegada através dessas últimas perguntas tem grande relevância, porque é ela que vai demonstrar se os educadores estão cientes de que

Os professores de hoje têm que aprender a se comunicar na língua e estilo de seus estudantes. Isto não significa mudar o significado do que é importante, ou das boas habilidades de pensamento. Mas isso

significa ir mais rápido, menos passo-a-passo, mais em paralelo, com mais acesso aleatório, entre outras coisas. (PRENSKY, 2001,p.3)

ou seja, se eles têm a consciência de que a tecnologia é o futuro da educação.

Nesse sentido, os resultados foram os seguintes: 78,5% dos professores da instituição pública responderam que a escola incentiva o uso de tecnologias em sala de aula, e os mesmos afirmaram acreditar que o uso delas faz com que os alunos fiquem mais interessados nos conteúdos escolares. No entanto, apenas metade dos entrevistados disse fazer uso destas em suas aulas. Já na instituição de ensino particular, 100% dos educadores afirmaram que o colégio incentiva o uso de recursos tecnológicos em sala, 84,6% acredita que os alunos ficam mais interessados e 76,9% confirmou o uso destes em suas aulas.

Assim, pode-se perceber que, existe, novamente, um contraste entre os dados das escolas, o qual, talvez, possa ser explicado pelo fato de que, tanto para que escola incentive o uso desses materiais, quanto para que os professores utilizem e acreditem na eficácia das tecnologias, elas precisam estar não apenas à disposição dos alunos e educadores, mas, que, além disso, estejam em boas condições para uso, o que não é o caso dos computadores da escola pública em questão.

4. CONCLUSÕES

Tomando como exemplo as escolas pública e privada citadas anteriormente, e por meio dos dados obtidos, foi possível constatar que apesar de haver diferenças de dados entre as duas instituições em questão, essa desigualdade não é tão grande quanto se imaginava ser, o que significa que as escolas, em sua maioria, estão mudando e, conseqüentemente, entrando no caminho para a “normalização”.

Os professores atuais estão conscientes de que os alunos de hoje são diferentes dos de antigamente, que são nativos digitais, e isso é primordial. Eles já se encontram familiarizados principalmente com computadores e data show, o que é um avanço bastante considerável se formos olhar um pouco para trás, quando o quadro negro e o livro impresso eram uns dos poucos recursos escritos disponíveis.

No entanto, ainda há uma longa caminhada para que as escolas atinjam a “normalização” do uso de tecnologias, pois inúmeras mudanças ainda são necessárias, não só na questão de recursos e incentivos por parte da administração das escolas, como na maior preparação dos professores, preferencialmente, desde seu período de formação acadêmica. Dessa forma, “Isso vai, muito provavelmente, requerer mudanças em atitudes, em abordagens e práticas entre os professores e alunos; isso vai exigir total integração em procedimentos administrativos e programas²”. (BAX, 2003, p.27).

O importante, então, é aceitar que, independente de sermos nativos digitais ou imigrantes digitais, daqui por diante, a tecnologia só tende a fazer parte, cada vez mais, da vida de todos nós, e que ela não tende a continuar mudando apenas o mundo da informação, do entretenimento e dos

² tradução nossa.

relacionamentos entre pessoas, mas, além disso, ela é o instrumento fundamental para transformar a nossa educação, e conseqüentemente, toda sociedade.

A evolução tecnológica não se restringe apenas aos novos usos de determinados equipamentos e produtos. Ela altera comportamentos. A ampliação e banalização do uso de determinada tecnologia impõem-se à cultura existente e transforma não apenas o comportamento individual, mas todo grupo social. (KENSKI, 2007, p. 21).

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAX, S. **CALL- past, present and future**. Canterbury Church University College, Canterbury, p.1-p.28, 2003.

BAX, S. **Putting technology in its place**. In: Field, C. Issues in Modern Foreign Languages Teaching. Routledge, 2000, p.208-p.219.

KENSKI, V. M. **Educação e tecnologias: O novo ritmo da informação**. Campinas, São Paulo, Papirus Editora, 2007, 3ª edição.

MIRANDA, G. L. Limites e possibilidades das TIC na educação. **Sísifo: Revista de Ciências da Educação**, Lisboa, v.4 n.1, p. 41- p.50, 2007.

PRENSKY, M. **Digital Natives, Digital Immigrants, Part II: Do They Really Think Differently?** On the Horizon, MCB University Press, p.1-p.9, 2001.

PRENSKY, M. **Nativos Digitais, Imigrantes Digitais**. On the Horizon, MCB University Press, p.1-p.6, 2001.